

O BRASIL NO EPICENTRO MUNDIAL DA PANDEMIA E A NOVA VARIANTE DO CORONAVÍRUS

A edição 30 do **Boletim Conexão Saúde - De Olho no Corona!** apresenta considerações sobre as variantes do novo coronavírus encontradas no Brasil e seus impactos no avanço da Covid-19. Pouco depois de completar um ano, a pandemia alcança o seu pior momento no País, com aumento sistemático de novos casos e óbitos e enfrentando um colapso generalizado no sistema de saúde.

Para elucidar o desenvolvimento local da pandemia, esta edição traz os números oficiais de casos, óbitos e vacinação na Maré e em Manguinhos e uma análise dos dados produzidos pelo projeto *Conexão Saúde: de olho na Covid* na Maré e em Manguinhos, a partir da série histórica produzida em 29 edições anteriores do boletim.

A publicação aborda a situação atual do Brasil, atual epicentro da pandemia no mundo, e encerra com a entrevista exclusiva realizada pela Redes da Maré com a professora Luciana Costa, do Laboratório de Genética e Imunologia das Infecções Virais do Departamento de Virologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre o que podemos esperar das novas variantes encontradas no País e os caminhos para superar a crise que o País vive hoje.

Boa leitura!

Alberto Giuliani

ÍNDICE

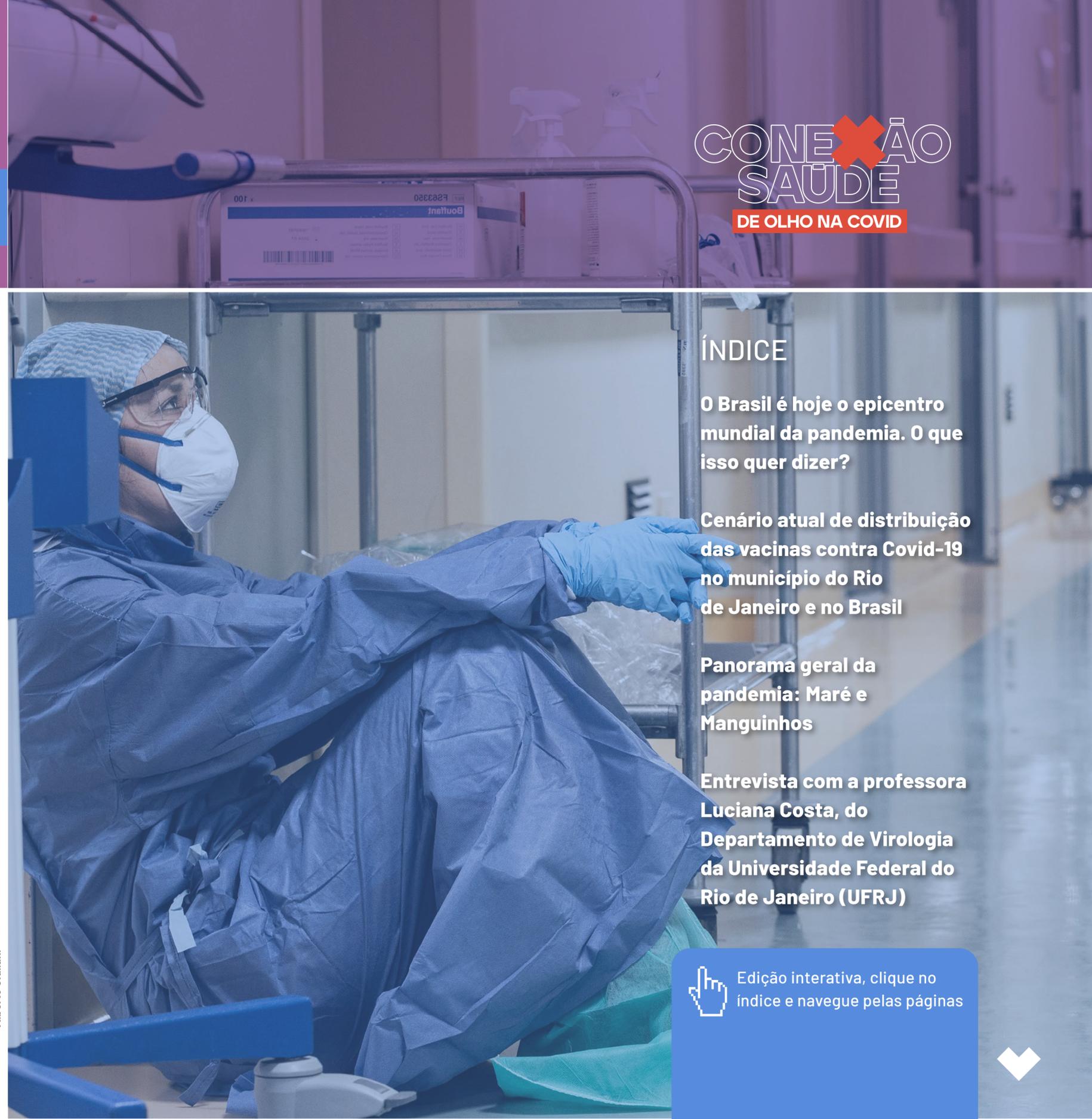
O Brasil é hoje o epicentro mundial da pandemia. O que isso quer dizer?

Cenário atual de distribuição das vacinas contra Covid-19 no município do Rio de Janeiro e no Brasil

Panorama geral da pandemia: Maré e Manguinhos

Entrevista com a professora Luciana Costa, do Departamento de Virologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

 Edição interativa, clique no índice e navegue pelas páginas



**O BRASIL É HOJE O EPICENTRO
MUNDIAL DA PANDEMIA DE COVID-19.**

**O QUE ISSO
QUER DIZER?**

Temos os maiores números de contágio e de morte diárias em todo mundo, segundo dados da Our World in Data, ligada à Universidade de Oxford, na Inglaterra.

O que se explica não só pelo tamanho de nosso país e população, mas, principalmente, pelo descaso das autoridades e a ausência de planejamento de medidas sanitárias, isolamento social e vacinação – ações já consagradas no combate à Covid-19 em diversos países do mundo.

Tal ausência, justificou, inclusive, uma denúncia contra o presidente da República no Conselho de Direitos Humanos da ONU por “tragédia humanitária na pandemia”. As entidades denunciantes citaram como inadmissíveis, além de evitáveis, as perdas de vidas e as dificuldades

Isso demonstra que a ausência de políticas públicas de saúde e de enfrentamento ao Covid-19, voltadas para o controle de circulação de pessoas, para o incentivo de uso de máscaras e higiene pessoal e para a vacinação, pode levar a contextos extremamente graves, como o do momento presente.

econômicas geradas pela Covid-19 no Brasil. Ainda, o fato da doença atingir, desproporcionalmente, a população negra e mais pobre, as comunidades indígenas e tradicionais, o que revela a urgência de uma agenda específica voltada para estas populações, quando se fala em impactos da pandemia.

Há, ainda, na situação brasileira, um agravante: quanto mais um vírus circula, maior a chance do aparecimento de novas mutações. Não por acaso, somos o berço de uma das três mutações que surgiram em todo o mundo, chamada de P.1. Sua carga viral é até dez vezes maior que a do vírus sem a mutação. Isto não significa, necessariamente, o agravamento da doença provocada pela variante P.1, mas um aumento substancial de seu contágio. O que, de forma direta e preocupante, sobrecarrega, ainda mais, um sistema de saúde que enfrenta o maior colapso sanitário e hospitalar de sua história.

No Brasil, a nova variante do coronavírus foi encontrada, pela primeira vez, em dezembro de 2020, no Estado do Amazonas. Pesquisadores traçaram uma “linha do tempo” do novo vírus e indicaram que, enquanto em

novembro de 2020 ainda não havia nenhum caso da P.1, em meados de dezembro, a mutação já respondia a 4% dos casos. No fim do mês, a 45% e, em janeiro, a variante P.1 já era responsável por 73% dos casos, o que ilustra sua alta capacidade de contaminação.

É importante salientar que, a trajetória epidemiológica da nova cepa coincidiu com a flexibilização das medidas de isolamento social adotadas no estado do Amazonas. E que, embora mutações genéticas sejam esperadas em epidemias virais, sabe-se que quando um vírus circula de forma descontrolada, maiores são as chances dele sofrer mutação com vantagens evolutivas, isto é, de tornar-se mais forte e nocivo.

No caso de Manaus, as modificações ocorreram nos genes que formam a estrutura da superfície do vírus, que permitem que ele invada nossas células. Isso demonstra que a ausência de políticas públicas de saúde e de enfrentamento ao Covid-19, voltadas para o controle de circulação de pessoas, para o incentivo de uso de máscaras e higiene pessoal e para a vacinação, pode levar a contextos extremamente graves, como o do momento presente. ■



CENÁRIO ATUAL DE DISTRIBUIÇÃO DAS VACINAS CONTRA COVID-19 NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO (ATÉ 22/03)

Na capital foram aplicadas
530.620
primeiras doses da vacina, representando

8%
da população carioca

190.095
pessoas receberam a segunda dose

3%
da população carioca, TOTALIZANDO

720.715

VACINAÇÃO NA MARÉ

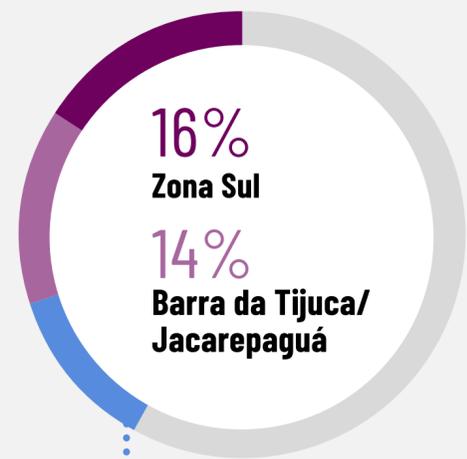
5.277
entre 1ª e 2ª doses até 22/03

Fonte: CAP 3.1




VACINAÇÃO POR ÁREA DE PLANEJAMENTO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Área de Planejamento	Primeira dose	Segunda Dose
Centro	38.403	14.618
Zona Sul	83.784	33.568
Tijuca	59.957	23.052
Penha/Ramos/Ilha	64.391	24.095
Méier/Inhaúma	48.295	17.092
Madureira/Irajá	60.140	19.750
Barra/JPA	77.336	25.687
Bangú	39.106	12.478
Campo Grande	38.932	12.114
Santa Cruz	20.276	6.831



Isso representa **64.391** pessoas vacinadas com a primeira dose e **24.095** com a segunda dose

NO BRASIL

Até 22/03

12.351.559

pessoas receberam até agora a primeira dose da vacina

106% Foi o aumento no número de vacinados no último mês

No entanto, o número total de pessoas que receberam a primeira dose representa apenas

5,83%

da população brasileira.

Já em relação à segunda dose,

4.213.858

pessoas haviam recebido até a mesma data, o que representa

menos de 2% da população.

Fonte: Painel Rio Covid-19 e Consórcio de Veículos de Imprensa

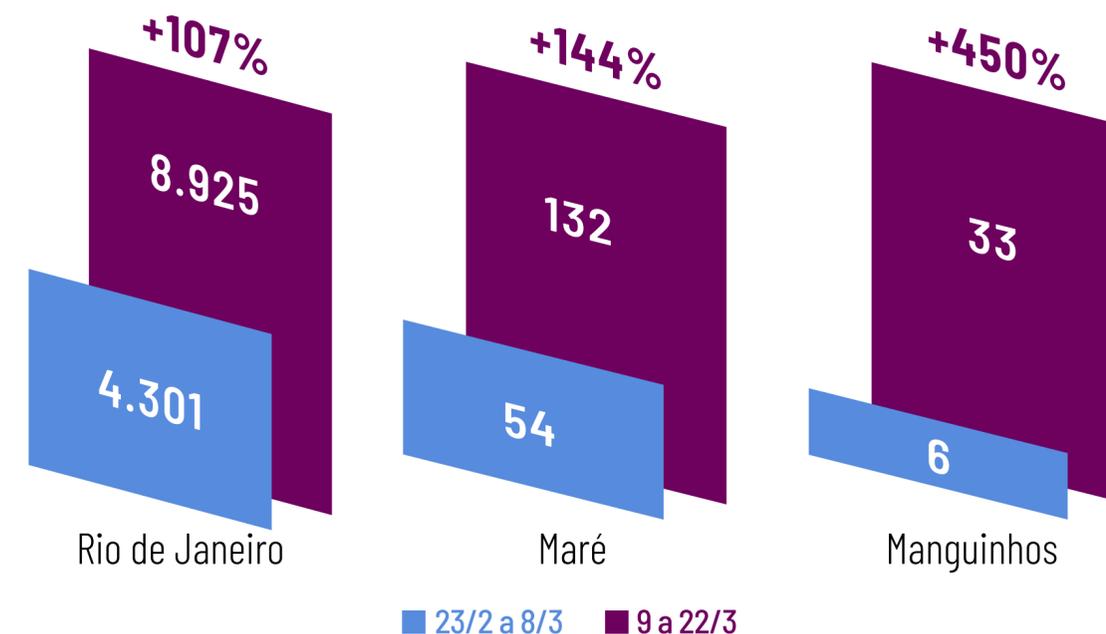
PANORAMA GERAL DA PANDEMIA: MARÉ E MANGUINHOS

No dia 16 de março de 2021 completou um ano das primeiras medidas de isolamento social no Brasil e, ao contrário da expectativa da população, estamos hoje vivendo o pior momento da pandemia no País, desde seu início.

O Brasil soma 12.047.526 casos de pessoas infectadas pelo novo coronavírus e nos últimos 14 dias ultrapassou a Índia, ocupando agora o segundo lugar em números de casos no mundo. Em relação aos óbitos o País acumula 295.425 mortes pela doença e vem superando suas marcas diariamente - chegando a registrar quase três mil mortes em apenas 24 horas, em um cenário que nos coloca como epicentro da pandemia.

No município do Rio de Janeiro, segundo o Painel Rio COVID-19, administrado pela Prefeitura, foram contabilizados 218.658 casos confirmados e 19.790 óbitos até o dia 22/03/2021. Destes, 1.738 casos e 173 óbitos foram de moradores da Maré. Assim, nos últimos 14 dias - de 09 a 22/03 -, o número de casos confirmados no município aumentou 4% e o de óbitos, 3%. Na Maré, no mesmo período, o número de casos subiu 8% - de 1.603 para 1.738 - maior aumento de novos casos desde dezembro - e o de óbitos cresceu de 169 para 173, total de 2%. Até o dia 22/03, Manguinhos apresentava 775 casos e 66 óbitos notificados. Ao fazer a comparação com os últimos 14 dias, é possível observar que o número de casos notificados em Manguinhos teve um aumento de 4% e de óbitos cresceu 3%.

EVOLUÇÃO DE NOVOS CASOS NOTIFICADOS NOS DOIS ÚLTIMOS PERÍODOS DE 14 DIAS NO RIO DE JANEIRO, MARÉ E MANGUINHOS



Ao comparar os dois últimos períodos de 14 dias é possível observar um crescimento substancial de novos casos notificados nestas regiões.

Entre 23/02 e 08/03 foram notificados 4.301 novos casos no município do Rio de Janeiro, nas duas semanas seguintes, o registro foi de 8.925 novos casos - um aumento de 107% quando comparado os dois períodos. Na Maré, o crescimento de novos casos foi 144% e em Manguinhos a diferença chegou a 450%, como mostra o gráfico acima.

O *Conexão Saúde: de olho na Covid* vem produzindo dados de testagem desde agosto do ano passado, a partir dos Centros de Testagem do Dados do Bem, que contribuem para vigilância em saúde do território. Na Maré, desde agosto, até o último dia 22/03 foram coletadas 11.558 amostras para testes de moradores, sendo 1.872 com resultado positivo, 16% do total. Já em Manguinhos o Centro de Testagem inaugurou no final do ano passado – em dezembro – e contou até 22/02 com 1.865 amostras de testes coletados, sendo 285 com resultado positivo, 15 % do total, como mostra a tabela a seguir, identificando os testes PCR e sorológico.

Todos os casos positivos testados pelo Dados do Bem são notificados ao Poder Público e, portanto, passam a compor os dados oficiais do Painel Rio COVID-19. No entanto, ao monitorar os números de ambas as fontes, é possível perceber um atraso, por parte do município, de pelo menos duas semanas em relação à divulgação dos casos positivos reportados pelo Conexão Saúde às autoridades. Nesse sentido, os dados oficiais não conseguem representar a dimensão da pandemia em seu tempo real, impactando nas decisões do Poder Público e no acompanhamento da sociedade.

TESTAGEM - MARÉ



Amostras para teste

NO TOTAL ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 14 DIAS

PCR 9.070 785

SOROLÓGICO 2.498 105



Testes Positivos

NO TOTAL ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 14 DIAS

PCR 1.034 79

SOROLÓGICO 838 30

TESTAGEM - MANGUINHOS



Amostras para teste

NO TOTAL ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 14 DIAS

PCR 1.718 291

SOROLÓGICO 147 45



Testes Positivos

NO TOTAL ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 14 DIAS

PCR 248 48

SOROLÓGICO 37 10

TELEMEDICINA SAS BRASIL

MARÉ



ATENDIMENTOS MÉDICOS

2.565



ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS

1.333

MANGUINHOS



ATENDIMENTOS MÉDICOS

185



ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS

42

Os atendimentos em telemedicina realizados pelo SAS Brasil iniciaram em Manguinhos e na Maré em 03/07. Desta data até 22/03 foram atendidos 850 casos com suspeita ou confirmação de Covid-19 na Maré e 37 em Manguinhos.

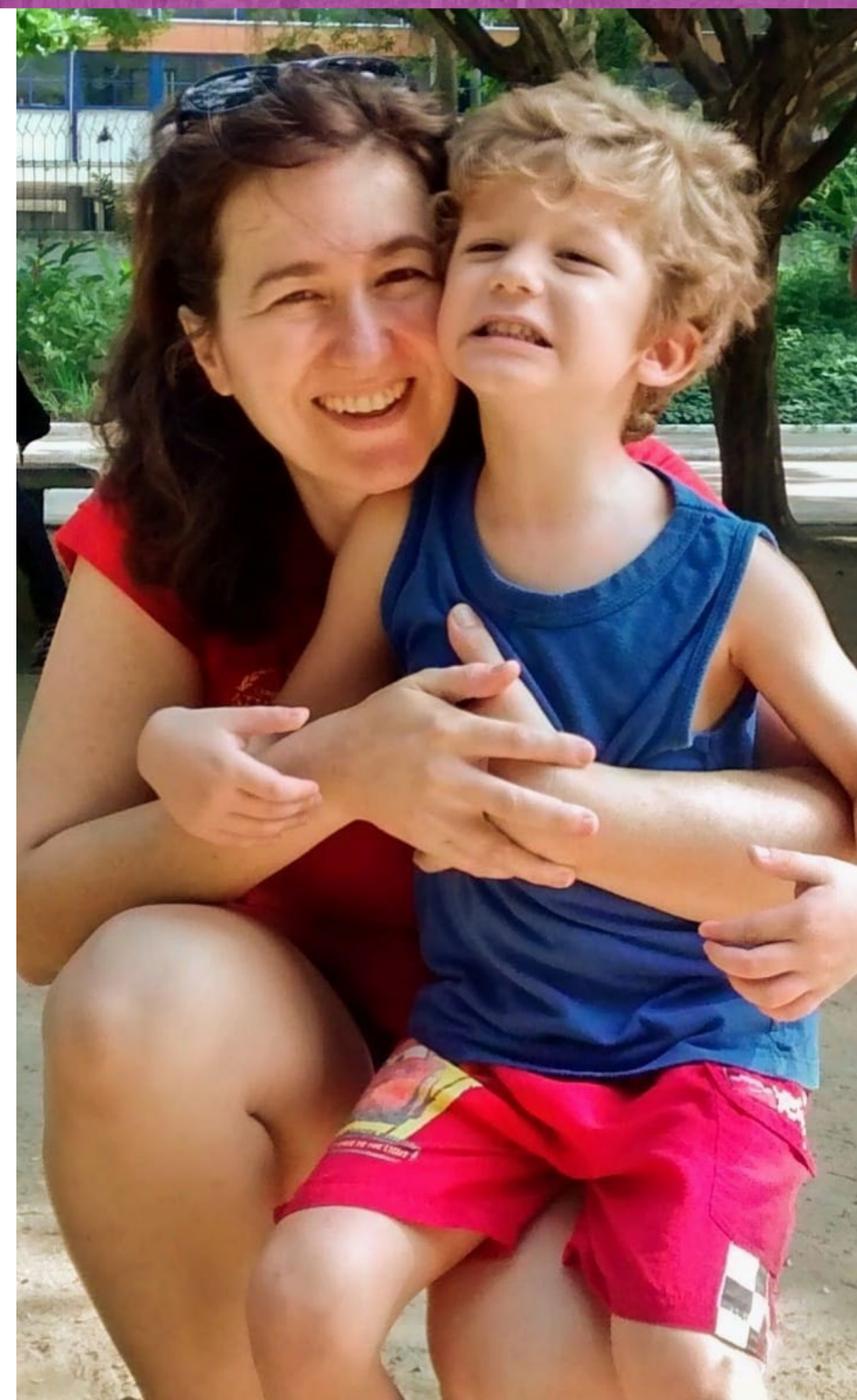
O Programa de Isolamento Domiciliar Seguro até o dia 22/03, atendeu 428 moradores – um crescimento de 14% em um mês. Ao fim do período de isolamento, 291 formulários de avaliação foram aplicados entre pessoas que participaram do programa e, até esta mesma data, 96% das pessoas conseguiram manter o isolamento por 14 dias ou mais. Esse dado aponta para a importância do acompanhamento médico, psicológico e social para que as populações em situação de maior vulnerabilidade tenham as condições adequadas para realizar o isolamento e seguir os protocolos de segurança. ■

“A nova variante do vírus não é a grande culpada pela crise atual”

Acelerar a vacinação e retomar as medidas de isolamento social. Já. Este é o combo sugerido pela professora do Departamento de Imunologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Luciana Costa.

Ela pesquisa o vírus Sars-Cov-2 desde o seu surgimento e esclarece, em entrevista exclusiva para o boletim Conexão Saúde - De Olho no Corona, como a nova variante está agindo (ou não) no agravamento da pandemia no Brasil.

“Pode ser que tenha influência, isso não está descartado. Mas pelas características apresentadas, o agravamento da pandemia se deve muito mais a um manejo inadequado da situação do que do surgimento de variantes”, avalia.



Em tempos difíceis, de colapso no sistema de saúde e elevado número de mortos no País, a professora Luciana Costa nos enviou uma foto com seu filho Pedro para ilustrar a entrevista: “é uma foto que gosto muito e que faz mais sentido pra mim, neste momento”. Atitude que nos lembra de priorizar o que há de mais importante em nossas vidas. Sempre.



O que se sabe a respeito da nova variante até agora? Ela é mais perigosa do que a antiga? Os sinais e sintomas da doença são os mesmos?

É importante falar que esta variante é esperada. Todo vírus varia mesmo, o processo de fazer novas cópias é sujeito ao erro, que é aleatório e natural. Se não trouxer prejuízo ou trazer alguma vantagem ao vírus, o erro vai propagar na população conforme aumenta a transmissão do vírus.

No caso do novo coronavírus, até por conta da gravidade da pandemia e por termos tecnologia pra isso, estamos conseguindo ver este processo muito rapidamente, quase em tempo real. Mas a questão principal na verdade é: “estas variantes que surgem têm impacto na pandemia? Elas estão relacionadas à maior transmissão do vírus, gravidade da doença ou taxa de mortalidade?”. Isso é ainda é cedo pra dizer.

Mas assistimos recentemente a um aumento significativo do número de casos e mortes por Covid-19. Não teria relação com o surgimento desta nova cepa?

Estamos em uma nova fase da pandemia, com um número muito grande de casos e, justamente neste momento, foi divulgado o surgimento da nova variante. Então, a relação que se faz é “o agravamento é por causa disso”. Mas não podemos fazer esta afirmação. Como eu disse, ainda é cedo para esta conclusão.

Então qual seria o motivo desta situação limite que vivemos?

O agravamento da pandemia no Brasil se relaciona com o afrouxamento das medidas de prevenção. Principalmente a partir de outubro, quando o número de casos foi diminuindo, houve uma flexibilização grande, uma ilusão de que o vírus tinha ido embora. Mas a verdade é que ele continuou circulando.

Pelas características do agravamento, avaliando como alguém que acompanha de perto desde o início, a crise se deve muito mais a um manejo inadequado da pandemia do que ao surgimento das variantes. Elas podem influenciar? Podem. Não descarto esta hipótese, mas é evidente que a forma como a situação foi conduzida não ajudou a conter a propagação do vírus.

A tendência é ainda convivermos com este quadro por um tempo?

Estamos vivendo as consequências de uma flexibilização do isolamento social e da falta de cuidados. A situação crítica agora é por conta da sobrecarga do sistema de saúde, que entrou em colapso. Tem muita gente morrendo por falta de atendimento adequado, por falta de acesso ao tratamento, aos recursos hospitalares. Estão morrendo na fila. Muitas destas pessoas poderiam sobreviver se tivessem tido o atendimento devido. Falamos deste risco há um ano atrás, mas parece que este alerta não foi levado a sério, foi desacreditado.

É importante falar que esta variante é esperada. Todo vírus varia mesmo, o processo de fazer novas cópias é sujeito ao erro, que é aleatório e natural.



Quem contraiu a doença pode contrair de novo, certo? Há alguma relação com a nova variante?

Existem indivíduos assintomáticos ou que desenvolvem sintomas leves que permanecem com o vírus por um longo tempo no organismo. E eventualmente, em um teste, pode parecer que ele sumiu, mas na verdade o vírus nunca saiu do organismo. É o que os pesquisadores chamam de “persistência”.

Mas há a possibilidade de reinfecção também: quando a memória de cura do sistema imune tem uma queda, a pessoa pode contrair de novo se for exposta ao vírus. E não precisa ser a nova variante, pode ser a mesma de antes. Mas isso varia de indivíduo para indivíduo.

De todo modo, anticorpos de pessoas que foram infectadas com o vírus

anterior neutralizam os novos variantes, não tem diferença. É mais uma dinâmica do sistema imune de cada pessoa e não do vírus propriamente dito.

Então os cuidados preventivos e o tratamento de quem contraiu a doença a partir da nova variante continuam os mesmos?

Exatamente da mesma forma. E tem algo muito importante: a pessoa teve Covid e se curou ou mesmo a que foi vacinada precisa continuar tendo os mesmos cuidados. Ela pode se reinfetar, ainda que a chance seja menor ou que a doença se apresente de forma mais leve ou assintomática, e transmitir para outras pessoas. É uma proteção para pessoa e pra quem está à sua volta.

Sobre a nova variante, a princípio pra pessoa que contrai a doença, não tem nada de diferente. É uma infecção por Sars-Cov-2: ela vai ter que se isolar, tomar medicamentos recomendados pelos médicos, se necessário, ficar em repouso, aguardar o mesmo tempo para recuperação... O quadro clínico e os sintomas são os mesmos. Existem estudos que

Tem muita gente morrendo por falta de atendimento adequado, por falta de acesso ao tratamento, aos recursos hospitalares. Falamos deste risco há um ano atrás, mas parece que este alerta não foi levado a sério, foi desacreditado.

apontam que coletivamente podem haver mais mortes a partir da contaminação pela nova variante, mas ainda são estudos, nada conclusivo. A nível individual, não há diferença.

Então a vacina funciona para esta nova variante também?

A princípio sim. Até agora o que os estudos mostram é que a resposta do indivíduo ao vírus é eficiente para neutralizar qualquer variante.

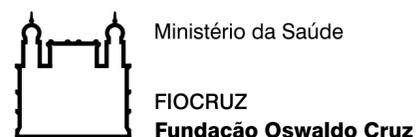
Alguma perspectiva de sairmos desta crise?

Vejo duas saídas: uma é acelerar e ampliar a vacinação. A outra é retomar as medidas de isolamento social, pelo menos até sairmos desta situação crítica. Não é uma atitude pra ser tomada amanhã ou depois. É agora. É o que pode nos ajudar a sair dessa. ■





REALIZAÇÃO:



redesdamare.org.br/conexaosaude

